

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS: HISTÓRIA DE SUA CHEGADA E IMPLANTAÇÃO NO BRASIL (1913-1935)

Clara M. Luna Varjão Schettini[1]
Luiz Carlos Luz Marques[2]

Resumo
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, cujos fiéis são conhecidos como "Mórmons" por utilizarem O livro de Mórmon como uma de suas escrituras (entre as quais está a Bíblia), chegou no Brasil em 1928 na cidade de Joinville. A documentação indica que esposa/mãe da família Lippelt, que se batizou na Alemanha e, posteriormente, emigrou para o Brasil, em 1923, entrou em contato com a presidência da Igreja, que fica em Utah, EUA, para iniciar o serviço religioso no Brasil. Antes dos Lippelt, outra família Mórmon alemã, os Zapf, chegaram ao Brasil em 1913, porém, não entraram em contado com o escritório da igreja, e só foi recontactada em 1931. Com essa pesquisa pretendemos descobrir o que levou essas duas famílias a se mudarem para o Brasil, se possível o motivo de uma delas não ter entrado em contato com a igreja previamente. Através dos conceitos de Habitus e Campo, de Bourdieu, queremos estudar o cenário religioso na cidade em que chegaram e como foi recebido esse novo habitus nesse campo do interior de SC, então dividido entre a Igreja católica e a Luterana e se esse novo campo exerceu mudanças no habitus dos membros da igreja.

Palavras-chave: Igreja. Sociedade. Imigração.

Introdução

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos dias teve sua história iniciada na cidade de Palmyra, Estados Unidos da América, na primavera de 1820, e foi organizada em 6 de abril de 1830 na cidade de Fayette, Nova York, EUA. Os membros da igreja também são conhecidos como mórmons por utilizarem entre suas escrituras sagradas (que inclui a Bíblia) o Livro de Mórmon, compilado pelo profeta Mórmon na antiguidade, esse apelido dado por pessoas que não pertencem a religião traz uma ideia errônea sobre a igreja, deixando de fora o nome de Cristo, o que acarretou boatos das pessoas que ouviam falar sobre a religião de que ela não

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Católica de Pernambuco. Pesquisadora voluntária do PIBIC-UNICAP. E-mail: claravarjaoschettini@gmail.com.
[2] Doutor em História. Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião e do Curso de Licenciatura em História da Universidade Católica de Pernambuco. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0026868525664989. E-mail: luiz.marques@unicap.br.



seria cristã, fato divulgado por líderes de outras religiões. Em 2001 o presidente da igreja no período, Gordon B. Hincley, disse:

> À medida que a Igreja se expande por muitos países, culturas e línguas, o uso do nome revelado A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, torna-se cada vez mais importante na responsabilidade que temos de proclamar o nome do Salvador por todo o mundo, por este motivo, nós pedimos que, ao falarmos da Igreja, utilizemos seu nome completo sempre que possível. (...) Não aprovamos que se refiram à Igreja como "A Igreja Mórmon", "A Igreja dos Santos dos Últimos Dias" ou "A Igreja SUD"[3].

Com o passar dos anos a religião foi se espalhando para diversos lugares, inclusive na Europa, países como Inglaterra e Alemanha foram uns dos primeiros fora da América a receber missionários[4] da igreja. Foi através de imigrantes alemães que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias chegou no Brasil no interior do estado de Santa Catarina. Após uma visita do Presidente da Missão[5] Sul-americana Reinhold Stoof à região do interior de Santa Catarina, em decorrência de uma correspondência que recebeu de uma mulher, Auguste Kulmann Lippeltt, que havia se batizado na Alemanha e agora morava nessa localidade e foi atrás de meios para que o trabalho de ensino do evangelho e as reuniões passassem a ser feitas no Brasil. Nessa época a sede da Missão Sul-americana ficava em Buenos Aires, Argentina. Conheceremos um pouco da história desses primeiros membros que vieram morar no Brasil, e aplicaremos os conceitos de Pierre Boudieu de *Habitus* e *Campo*, buscando ver como essa religião foi recebida na cidade que os primeiros membros chegaram no Brasil.

Breve biografia das famílias

Os Lippelt

[3] Carta da Primeira Presidência d' A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias aos membros 23/fev/2001. Escritório da Primeira Presidência.
[4] Jovens, rapazes ou moças que dedicam um tempo para pregação do evangelho de forma exclusiva e integral (Rapazes 2 anos; Moças 1 ano e meio).
[5] Unidade administrativa da Igreja que cuida dos missionários de tempo integral e dos distritos que estão na área geográfica desta missão.





Fig. 1 - Auguste e Robert Lippelt e seus filhos por volta de 1930

A Família Lippelt vivia na Alemanha, na cidade de Bremmen, no pós-guerra (primeira guerra mundial) com certo prestígio social, o pai da família, Robert Lippelt, não simpatizava com nenhuma religião, era pintor e professor de dança e música. Já a mãe, Auguste Kulmann Lippelt, tinha uma grande fé cristã. Após a morte de um dos filhos, que aconteceu após uma experiência que causou um grande impacto na família e levou-os a uma verdadeira mudança de hábito, o marido consentiu que a esposa e os outros filhos se batizassem na A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, mas não quis ser batizado. Com o passar do tempo, membros de outras religiões que sabiam da aversão do patriarca da família à religiões traziam informações negativas sobre A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e isso fez com que ele proibisse a família de ir à igreja por um período de oito anos. Isso não mudou a firmeza de Auguste, que continuava a ler as escrituras e fazer suas orações e ensinar seus filhos sobre o evangelho sem que o marido soubesse. Ele, Robert Lippelt, resolveu emigrar para a América, primeiramente para a região do Texas, depois do México, mas sabendo que existiam membros da igreja nessas regiões resolveu, depois de receber conselho de amigos, ir para o Brasil, por ouvir que era uma região barata e próspera, onde existiam colônias alemãs e a religião mórmon não estava estabelecida. Deixaram a Alemanha em um período onde havia uma pobreza generalizada no país.





Fig. 2 – Comprovante da passagem Alemanha/Brasil 21 de setembro de 1923

Ao chegarem no Brasil em 1923 ficaram a princípio em Porto Alegre, lá pegaram doenças e um dos filhos quase morre, consideraram um milagre sua recuperação, durante a doença o pai chega a demonstrar alguma fé, mas assim que o filho se recupera, deixa de lado a religião novamente.

Auguste falava sempre do evangelho para conhecidos e vizinhos que começaram a se interessar pelos ensinamentos que ela trazia, isso fez com que o seu marido se incomodasse muito e, por esse motivo, resolveu mudar-se com a família para o interior do estado, par um lugar no meio da floresta, conhecido na época como Cruz Machado, a viagem era feita pela estrada de ferro. Durante a viagem encontraram com Christiano Blind que informou que a terra da região não era muito fértil e que seria melhor para a família ir para um lugar chamado Rio das Antas, a uns 12 km de distância.

Essa ideia de ser um pioneiro desbravador agradou o pai da família Lippelt, esse lugar hoje é conhecido como Ipoméia. Por ser uma região fértil, logo outras famílias chegaram e se formou um vilarejo, Auguste sempre falava do evangelho e fazia reuniões bíblicas durante as ausências de seu marido. A irmã Lippelt escreveu para o presidente da igreja, que no período era Heber J. Grant, pedindo materiais para ensinar seus filhos e pedindo que missionários fossem enviados, ela recebeu como resposta que entrasse e contato com a Missão Sul Americana, na Argentina, cujo presidente era Reinhold Stoof, que já era conhecido da família na Alemanha,



ela o fez e continuou fazendo reuniões para estudo das escrituras e convidando vizinhos para ouvir falar sobre o evangelho, o fato de seu marido trabalhar distante e as vezes se ausentar por dias facilitava sua liberdade de estudo e pregação do evangelho.

Em 1928 foram enviados os primeiros missionários para Joinville, entretanto os Lippelt estavam em Rio Preto, a uma certa distância. Em 1930 foi realizada a primeira reunião oficial da igreja na casa dos Lippelt, aproveitando uma das ausências do pai da família. Robert Lippelt não ficou feliz com a situação, continuou contra qualquer religião durante toda a vida de sua esposa, porém, vinte anos após a morte de Auguste Lippelt, Robert morava com uma de suas filhas, Georgine Lippelt Blind e resolveu se batizar na A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias, no rio do Peixe, com 84 anos de idade, afirmando que gostaria de ir para o mesmo lugar que sua amada esposa estava.

Os Zapf



Fig.3 - Max Robert Zapf, Amália Augusta Zapf e Robert Richard Zapf, Ipoméia, SC 1932

A família Zapf, Max Richard Zapf e sua esposa Amália Augusta Zapf, nasceram em Freibergin, (Saxony Germany) na Alemanha, onde conheceram a igreja e foram batizados. Max era padeiro e tinha o desejo de conhecer uma terra nova para construir uma nova vida com sua família. Partiram da Alemanha em 1913 com destino ao Brasil chagando ao Rio de Janeiro em 14 de Julho de 1913 onde passaram três semanas, depois seguiram para São Paulo, onde Max trabalhou



como padeiro, porém seu desejo de ser proprietário de terra com mata virgem não foi alcançado nessa cidade, fazendo com que fosse para o sul.

Foram para Porto Alegre e, em seguiram para o interior do Rio Grande do Sul, porém tiveram dificuldade com o ambiente e por causa da pouca experiência com cultivo o que fez eles voltarem para São Paulo e em 1925 pegaram a estrada de ferro rumo a Colônia Müller, hoje Tangará, SC, a uns 35 km de Ipoméia, onde moravam os Lippelt. Durante todo esse período a família Zapf perdeu o contato com a igreja, porém não se filiaram a nenhuma outra.

Em 1931 chegou uma dupla de missionários a Colônia Müller e encontraram os Zapf. Esses apresentaram suas fichas de membros e os filhos, que na época que moravam na Alemanha e não tinham idade para ser batizados, foram batizados nessa ocasião. Eles acabaram se mudando para Ipoméia para frequentar as reuniões da igreja, que aconteciam lá.

O início oficial da igreja no Brasil

Após os contatos de Auguste Lippelt com o escritório da missão em Buenos Aires o presidente da missão, que já conhecia a família da época que morou na Alemanha, organizou uma viagem para conhecer o lugar. Em 1927 Reinhold Stoof foi a São Paulo, uma das maiores no país, para ver se seria interessante começar o trabalho missionário por essa cidade, de lá resolveu ir para Joinville, maior cidade próxima da região onde Auguste morava. Em setembro de 1928 os primeiros missionários foram junto com o presidente da missão para o interior de Santa Catarina (Joinville), no Brasil, que tinha uma população de aproximadamente 12 mil pessoas, para começar o trabalho missionário na região.

Eles pegaram um navio e depois um trem para conseguir chegar ao seu destino. Esse trabalho foi iniciado em setembro de 1928 pelos élderes[6] William Fred Heinz e Emil Anton Joseph Schindler em Joinville. O presidente partiu, voltando para Buenos Aires, no dia 26 de setembro e nesse mesmo dia um pastor adventista, Mr. Kaltenhaeuser, atacou a igreja em uma das palestras usando “todas as velhas mentiras” (South American Mission, 1928, p.86), também um pastor Luterano, Has Mueller, publicou no dia primeiro de outubro um artigo contra a igreja em um jornal

[6] Título, Ofício ou Grau do Sacerdócio de Melquisedeque.



evangélico de Joinville, os missionários enviaram um livro de Mórmon para o pastor para que ele pudesse se informar melhor e apesar de todos os ataques recebidos a frequências as reuniões dominicais[7] aumentavam a cada semana.

No dia 12 de novembro o pastor Kaltenhaeuser fez uma palestra ilustrada falando sobre “os mórmons”, mas isso acabou aumentando o interesse na população em conhecer os missionários, vários batismos foram realizados em Joinville. Em julho de 1930 o mesmo pastor adventista publicou no jornal local, "Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia), um artigo contra a igreja, foi feita uma palestra em um teatro em Joinville para rebater as acusações feitas onde cerca de 450 pessoas compareceram.

O presidente Stoof entrou em contato com os Lippelt, que moravam um pouco distante, no meio da mata virgem, no dia 1 de agosto, e no dia 3 de agosto de 1930 realizou-se a primeira reunião oficial da igreja no Brasil. As primeiras lições no país foram feitas em alemão devido a maioria da população da região ser de origem alemã que emigraram após a primeira guerra mundial. Nesse mesmo período os Estados Unidos da América enfrentam a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, início da grande depressão, que de certa forma atingia a igreja economicamente, pois tinha sede nesse país.

Mais tarde, em 1931, uma dupla de missionários encontrou os Zapf na colônia Müller. Após esse período acontecem outras publicações em jornais locais na língua alemã falando mal da igreja. Em 2 de janeiro de 1934 o jornal “Neue Deutsche Zeitung” (Novo Jornal Alemão) publica uma matéria intitulada “Mormon storm over Europe” (Tempestade Mórmon sobre a Europa), em 20 de março desse mesmo ano o jornal “Der Kompass” (A Bússola) de Curitiba, PR publica um artigo com título “Mormon will die Welt erobern” (Os Mórmons querem conquistar o mundo), mostrando que havia um movimento na região em reação a religião que chegou.

[7] Uma das reuniões combinadas da Igreja realizadas no domingo. É dividida em salas de aulas, por idade e níveis de conhecimento.





Fig. 4 - Primeira capela do Brasil

Em 4 de outubro de 1930 Presidente Stoof comprou um terreno no valor de $ 662.51 incluindo os impostos, próxima à casa onde estavam sendo feitas as reuniões até o momento, para construção do primeiro prédio da igreja no país.

Um acontecimento importante no Brasil nesse período foi o início da revolução levantada por Dr. Oswaldo Aranha em Porto Alegre contra o governo federal que não reconheceu a maioria dos votos de Getúlio Vargas. O presidente Reinhold Stoof estava no Brasil nesse momento e relata a euforia sentida naquele momento no país.

A limpeza do terreno da construção começou no final de junho, em setembro um jornal de local permitiu a publicação dos horários das reuniões da igreja sem cobranças, e em 25 de outubro de 1931 a primeira capela[8] da igreja no Brasil foi dedicada em Joinville, SC com seis missionários e noventa e oito membros e pesquisadores presentes, e o Elder Peter Loscher, missionário, foi designado como presidente do ramo[9] Joinville. Depois de vários anos e batismos, em 9 de fevereiro de 1935, a missão brasileira foi criada com sede na cidade de São Paulo.

Conceito de habitus e campo

Boudieu é um sociólogo francês (1930-2002) conhecido por diversas teorias e conceitos publicados em seus livros, um dos mais famosos é o conceito de violência simbólica. Para Bourdieu não existe uma maneira universal de pensar toda a história, devemos buscar o contexto e não considerar espontaneamente os

[8] Prédio construído ou um local alugado onde as pessoas se reúnem para ter as reuniões dominicais e outras reuniões ou atividades.
[9] Semelhante a uma ala, somente que não tem um bispo que preside esta unidade administrativa e sim um presidente de ramo. Ala: Unidade da Igreja que compõe as Estacas. É delimitada por uma área geográfica específica. Um exemplo de Ala é como dividimos a cidade em Bairros. A Estaca é a Cidade e as Alas são os Bairros.



indivíduos ou acontecimentos como universais, pois isso traz riscos. Os conceitos que serão utilizados nessa pesquisa são os de *Habitus* e *Campo* muito apropriados para estudarmos os efeitos de um determinado acontecimento em uma região ou cidade. Segundo Bourdieu a categoria de *habitus* é importante porque mostra que os sujeitos têm uma história e que ao mesmo tempo que as experiências tendem a confirmar esse *habitus*, esse *habitus* estaria aberto a modificações diante de novas experiências, ele é o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e ideologias de um grupo de agentes, está diretamente ligado a prática. O *habitus* seria uma grade de leitura do mundo, o ser humano interpreta o mundo através dele.

Já o "conceito de *campo* (...) busca compreender a configuração e formação do tecido social" (OLIVEIRA, 2013, p.131). Bourdieu acredita que, ao formular o *campo,* o historiador compreende melhor alguns anacronismos que acontece na investigação histórica. Existem diversos campos e cada um deles tem regras diferentes, a mesma situação pode ter significados diferentes em diferentes campos (político, religioso, econômico, cultural, intelectual etc.).

> Os campos, segundo Bourdieu, tem suas próprias regras, princípios e hierarquias. São definidos a partir dos conflitos e das tensões no que diz respeito à sua própria delimitação e conflitos e constituídos por redes de relações ou de oposições entre os atores sociais que são membros (CHARTIER, 2002, p.140).

Portanto campo é um espaço abstrato de posições e relações onde os participantes buscam "troféus" que só tem valor nesse campo, seguindo regras e estratégias que só fazem sentido nesse campo. Tanto a ideia de isolamento do indivíduo, como a de universalidade são repelidas por Bourdieu. O campo exige uma análise das determinações sociais de maneira sutil porque Bourdieu repulsa a perspectiva idealista onde não existe uma origem para determinado fato ou criação, mas ao mesmo tempo é contrário à ideia de um determinismo social simples, existe uma luta pelo poder de definir quem tem o direito de ocupar esses espaços de decisão do que é para ser seguido e vivido, pois, essa definição pode mudar de acordo com a pessoa que está no poder, não existe uma classificação única e objetiva. Assim vemos que essa definição depende do espaço social em que acontecem essas produções simbólicas.



Como esse novo *hábito* foi recebido nesse *campo*

Através de uma autobiografia escrita por uma das filhas da família Lippelt, Georgina Lippelt Blind, uma experiência é narrada do início de sua vida em Rio Preto, que atualmente é conhecida como Ipoméia. Sua família foi a primeira a chegar na região, com o tempo começaram a chegar mais famílias e se formou um vilarejo, chegaram também um padre católico e um pastor protestante, porém, só o pastor continuou, pois, as pessoas da região eram da religião protestante. Esse pastor ao saber da existência de uma família "mórmon" começou uma campanha para discriminar essa família, inclusive instruindo alguns garotos a atacar a família. Deixando evidente nessa situação que, apesar de terem sido os primeiros a chegar no local, assim que novas famílias com hábitos religiosos diferentes chegaram, o líder dessas pessoas quis destruir essa religião diferente, para fixa a sua como única aceitável nesse campo. A religião dos Lippelt não tinha nenhum representante oficial na localidade e o pai da família trabalhava um pouco distante de onde eles moravam e se distanciava durante dias de sua casa.

Uma situação descrita por Georgina é de quando ela e o irmão, que eram crianças no período, foram presos pela polícia e amarrados em uma árvore devido a um boato que foi espalhado de que ela e o irmão estavam tendo "um caso", ela afirma que foram feitas perguntas que, na idade deles, eles não entendiam o que significavam e quando os policiais viram que as acusações não faziam sentido os soltaram. Mais tarde a mãe deles falou com a xerife e ele disse que eles não deviam mencionar o acontecido e que as acusações tinham vindo do pastor. O campo protestante da região fazia com que a palavra do seu líder tivesse poder e influência para que, mesmo sem provas, fossem feitas acusações contra quem não segue as regras específicas desse campo.

Além desse episódio específico muitos outros são relatados no registro da missão sul-americana, como as publicações em jornais e reuniões feitas para espalhar informações falsas. Existem cartas de missionários desse período que mostram perseguições recebidas no dia a dia. Esse novo *habitus* que chegou ao interior do sul do Brasil precisou se adaptar a esse novo *campo* que chegou, e com dificuldades, se tornou parte do *habitus* de algumas pessoas dessa região formando, assim, uma nova organização desse *campo*. Muitos membros se mudaram para um



local onde já moravam alguns membros e assim foi estabelecido um campo onde A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias faziam parte dos *habitus* nessa localidade.

Um ponto de destaque nessa história certamente é Auguste Kulmann Lippelt. Deve-se ter uma visão do lugar da mulher na sociedade, de 1910-1930, para vermos que ela rompia com o *habitus* de uma geração anterior a sua. Nesse período o movimento de modernidade estava começando a descontruir ideia de que a mulher só poderia estar nos espaços privados. Auguste é um exemplo dessa mulher que não está mais totalmente submissa as vontades de seu marido e que se coloca no mundo e influência outros a seu redor.

Deve ser lembrado que o movimento feminino nesse período é forte e que, em 1918, na Alemanha, a mulher acima de trinta anos poderia votar. O fato de Auguste ter conhecimento desse movimento não foi registrado, mas certamente ela precisou, muitas vezes, enfrentar resistências para continuar vivendo da maneira que ela acreditava ser a correta e no período que morou na Alemanha viu algumas conquistas desses movimentos se concretizando. Auguste Kulmann Lippelt trouxe a essa nova localidade onde foi morar o *habitus* da mulher tomar suas decisões em certos aspectos e ter certa liberdade, claro que não como entendemos o conceito de liberdade atualmente, mas, no que acreditava-se ser liberdade feminina na década de 20, pouco se sabe sobre a mulher nesse período, especialmente no interior do sul do Brasil, pois, como disse Joan Scott o estudo da história da mulher só começou a ser devidamente explorado “na década de 60, quando ativistas feministas reivindicaram uma história que estabelecesse heroínas, prova de atuação das mulheres, e também explicações.” (BURKE, 1992, p.64).

Considerações finais

Desta maneira vemos que o ingresso de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias no Brasil, mais especificamente na cidade de Joinville e arredores, no interior de Santa Catarina, trouxe consequências na estrutura social dessa localidade. A vinda de missionários para a região fez com que novas pessoas conhecessem a igreja e se batizassem nela, os líderes de outras denominações



resistiram a esse novo *habitus*, porém, isso não impediu que ele crescesse e se estabelecesse como um novo componente desse *campo*.

Referências

BLIND, Georgina Lippelt. **Historical stories of my life**: resume of historical stories of events that happened in my life. Ipoméia: 1989

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2001.

BURKE, Peter (org). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CHARTIER, Roger; LOPES, José Sérgio Leite. **Debate: Pierre Bourdieu e a História**. Rio de Janeiro. Topoi: Revista de História, Volume 3, Número 4, janeiro – junho 2002. p. 139-182. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/topoi/v3n4/2237-101X-topoi-3-04-00139.pdf. Acesso em: 02/10/2019

CHURCH HISTORY CATALOG. **Church members in Brazil, 1932-1936**. Inventory. Joinville Sunday School. Church History Library. Link <https://catalog.lds.org/assets/29ed1600-b2dd-4eef-a5e0-cbb3cea6a45b/0/1> (acessado: 10 abril 2019).

DA SILVA, Rubens Lima. **Os mórmons em Santa Catarina: Origens, conflitos e desenvolvimento.** Dissertação (Mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, 2008.

GINZBURG, Carlos. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HISTÓRIA DA IGREJA NA PLENITUDE DOS TEMPOS (A). Sistema Educacional da Igreja. São Paulo: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1989.

KLEIN, Herberto Morôni**. Estandarte para as nações: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias na América do Sul (1925-1973)**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. PUCRS, Porto Alegre, RS, 2003.

LOPES, Norberto; LOPES, Rosângela. **Linha cronológica da Igreja no Brasil**, 1928-2008. Impresso, [sd].

OLIVEIRA, Amurabi. **Bourdieu, Chartier e os Diálogos entre a Sociologia e a História.** Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Vol. 5 Nº 9, julho de 2013.



SOUTH AMERICA MISSION compiled by Andrew Jenson. **Branch history of the south america mission in the districts of Argentina and Brasil, 1925 to 1935.**